

PRAÇA VISCONDE DE INDAIATUBA

Designada em 31-01-1887

Formada pela antiga praça José Bonifácio

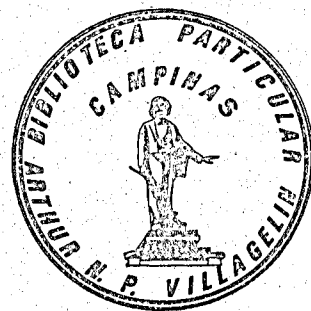
Situada entre as ruas Regente Feijó, General Osório, Barão de Jaguará e avenida Dr. Campos Sales e dividida ao meio pela avenida Francisco Glicério

Centro

Obs.: A atual designação foi proposta na Câmara Municipal pelo vereador Capitão José Bento dos Santos. Foi inaugurada em 15-novembro-1895. Antes era conhecida por Pátio do Rosário. Chamou-se também, Praça José Bonifácio, nome este transferido para o Largo da Catedral. É popularmente conhecida como Largo do Rosário. Antes existiu a rua Visconde de Indaiatuba, que pelo Ato nº 61 de 21-07-1934, passou a se denominar rua General Marcondes Salgado.

VISCONDE DE INDAIATUBA

Joaquim Bonifácio do Amaral nasceu em Campinas a 03-setembro-1815 e faleceu em Campinas em 06-novembro-1884. Era filho de José Rodrigues Ferraz do Amaral e Anna Matilde de Almeida Pacheco e foi casado com Anna Guilhermina do Amaral Pompêo e tiveram 12 filhos. Participou do com bate de Venda Grande, em 1842 e foi chefe do Partido Liberal entre 1844 e 1868. Foi vereador à Câmara Municipal no triênio 1849-52 e mais tarde distinguido com a nomeação de um dos lugares de vice-presidente da Província de São Paulo. Pertenceu à Guarda Nacional no posto de Capitão da Cavalaria. Foi agraciado com o grau de Cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa, e mais tarde elevado à Oficial da mesma Ordem. Como agricultor em Campinas e Amparo, introduziu, a partir de 1852, o braço livre em suas propriedades, fundando na Fazenda 7 Quedas, uma colônia alemã. Contribuiu de forma decisiva para a fundação do Colégio "Culto à Ciência". Por duas vezes hospedou ao Imperador D. Pedro II e Dona Teresa Cristina, em 1875 e em 1878. Foi agraciado com o título de Barão de Indaiatuba, por decreto de 16-fevereiro-1876 e com o título de Visconde de Indaiatuba, por decreto de 19-julho-1879. Deve-se a Joaquim Bonifácio do Amaral a iniciativa da construção e do prolongamento da estrada de ferro de Jundiaí à Campinas, como também, a fundação do Clube da Lavoura de Campinas. A 27-outubro-1879 foi nomeado membro da Comissão de Construção da futura Catedral de Campinas, com enorme contribuição.



Acto N. 61

Denominação de rua da cidade

PERSEU LEITE DE BARROS, Prefeito Municipal de Campinas, etc.

Considerando que existem nesta cidade a *Praça Visconde de Indaiatuba* e a *Rua Visconde de Indaiatuba*;

Considerando, por outro lado, que é de toda justiça uma homenagem da Municipalidade de Campinas ao valoroso General Marcondes Salgado, figura de grande relevo do Movimento Constitucionalista de 1932,—resolve baixar o seguinte:

ACTO N. 61

Art. 1.º—Fica doravante denominada *Rua General Marcondes Salgado* a Rua Visconde de Indaiatuba desta cidade;

Art. 2.º—Revogam-se as disposições em contrario.
Campinas 21 de Julho de 1934.

P. Leite de Barros

Publicado na Secretaria da Prefeitura em 21 de Julho de 1934

O Secretario,

Amilar Alves

PRAÇA VISCONDE DE INDAIATUBA

Colocado bem no centro da cidade, o jardim desta praça é um dos lugares mais frequentados, especialmente por famílias, às tardes e em dias festivos.

Possui este jardim, que é elegantemente traçado, uma bela fonte de repuxo no centro, ao redor da qual existem quatro altos combustores em forma de candelabros, além de outros que fornecem magnífica iluminação àquele ponto.

Foi começado por meio de donativos particulares, concluído às expensas da municipalidade e inaugurado no dia 15 de novembro de 1895.

(Extraído de um texto-legenda inserto à página 237, de "A Cidade de Campinas em 1901, organizado por Benedicto Octavio)





PRAÇAS DE CAMPINAS

(Trabalho de ALAOR MALTA GUIMARÃES)

XIII

Visconde de Indaiatuba

(Largo do Rosário)

Fica entre as ruas Barão de Jaguará General Osório, Campos Sales e Francisco Glacério).

A denominação foi dada em 31 de Janeiro de 1887, por proposta do Vereador Capitão José Bento dos Santos (dados compilados pelo sr. Edmo Luchini Goulart, para a publicação de sua autoria "Ruas da Época Imperial"). Chamou-se antes Largo do Rosário, Pátio do Rosário e Praça José Bonifácio.

DADOS BIOGRÁFICOS:
Joaquim Bonifácio do Amaral, Barão e Visconde de Indaiatuba, nascido em Campinas aos 3 de Setembro de 1815 e falecido aos 6 de Novembro de 1884, foi batizado no dia 10 do mês de Setembro na Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Matriz Velha). Eram seus pais o agricultor, Tenente José Rodrigues Ferraz do Amaral, fundador da Fazenda Sete Quedas e d. Ana Matilde de Almeida Pacheco. Em 1842, ao lado do bravo Capitão Boaventura do Amaral Camargo, foi um dos heróis de Venda Grande. Possuidor de muita força de vontade, foi juntamente com Marques de Tres

Rios, prestigioso chefe político do Partido Liberal, isto entre 1844 e 1868. Foi vereador à Câmara Municipal de Campinas no triênio 1849/52, e mais tarde distinguido com a nomeação de um dos lugares de vice-presidente da Província de São Paulo. Capitão da Cavalaria da Guarda Nacional, em 1845. Foi honrado com o grau de Cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa, em 7 de Abril de 1846, sendo depois elevado a Oficial da mesma Ordem. Sendo abastado agricultor nos Municípios de Campinas e Amparo, introduziu, a partir de 1852, o braço livre em suas propriedades, fundando na Fazenda 7 Quedas uma colônia alemã. Tendo alta compreensão do importante problema do ensino, contribuiu de maneira decisiva para a fundação do Colégio "Culto à Ciência", de nossa cidade. Hospedou por duas vezes SS. MM. Imperiais D. Pedro II e Dona Teresa Cristina Maria, em 1875, por ocasião da inauguração da Mogiana e em 1878. Foi agraciado por decreto imperial de 16 de Fevereiro de 1876, com o título de Barão de Indaiatuba, e elevado à denominação de Visconde, por decreto de 19 de Julho de 1879. A ele, também, a cidade deve a iniciativa da construção e do prolongamento da estrada de ferro de Jundiá a Campinas, bem como a fundação do Clube da Lavoura de Campinas. Em 27 de Outubro de 1879, foi nomeado para integrar a Comissão de Construção da futura Catedral de Campinas, tendo contribuído grandemente para a sua inauguração, a 8 de Dezembro de 1883.

(JORNAL "A DEFESA"

DE

16-03-1954)



Um século de história que o progresso vem destruir

Campinas, sexta-feira, 30 de abril de 1982

Arquitetura

Quando os velhinhos aposentados que freqüentam diariamente o Largo do Rosário — dando-lhe um ar de poesia e pureza — se revelaram contra a colocação de plataformas de ônibus no local, houve muita gente que não entendeu a sua atitude. Houve mesmo quem dissesse que uma praça não pode ser redazida a um simples local de conversa para quem não tem o que fazer. Mas o que essas pessoas não conseguiram entender na resistência dos velhos e de todos aqueles que lutaram pela preservação das características do Rosário, é que por trás dessa praça, de seus mosaicos em preto e branco e de seu inegável poder de cativar quem por ela passa, há uma história de mais de 160 anos. Essa história é feita de acontecimentos importantes e pitorescos, mas antes disso, uma história traduzida em muita luta e resistência contra a insensibilidade humana, que foi responsável, por exemplo, pela transformação do Largo, de uma praça amplamente arborizada no início do século, no que ela é hoje: um vasto espaço livre, "recheado" em alguns pontos por umas poucas árvores perdidas em meio ao concreto de suas marquises.

Pátio do Rosário

Seguindo uma tradição que ainda existia na metade do século passado, todas as igrejas possuíam o seu pátio. E com aquela pequena capela, construída no centro de Campinas — que tinha sido promovida à cidade há poucos anos — não poderia ser diferente. A capela foi chamada de Nossa Senhora do Rosário, e o terreno em frente, de Pátio do Rosário. A história não registra na nessa época ainda persistia o costume de se enterrar os ricos e proprietários sob o solo da igreja, e os escravos e pobres, no pátio, como era norma de todo o Brasil colônia. O certo é que havia uma diferença fundamental entre uma praça e um pátio: a primeira era de utilização coletiva, servindo para feiras e apresentações públicas; o segundo, era de utilização privada à Igreja e aos escravos (depois de mortos).

Alguns anos depois, no entanto, o pátio foi perdendo as suas tradições "eclesiásticas" e se transformando numa verdadeira praça do povo. Foi assim que ele foi palco da primeira grande manifestação popular em Campinas, quando da presença, em 1846, do Imperador D. Pedro II. Foi organizada então, uma "cavalhada", que era uma manifestação folclórica bastante apreciada. Os proprietários da região mobilizaram-se para comprar os cavalos mais bonitos em toda a Província de São Paulo. A competição consistia na colocação de objetos em postes, para serem atingidos pelas lanças dos cavaleiros, divididos em dois

grupos. Os vencedores, sob o delírio dos milhares de presentes, foram presenteados pelo jovem Imperador do Brasil, com relógios de bolso.

Árvores

No final do Império, procedeu-se à arborização do pátio, com o plantio de uma vasta coleção de espécies — algumas bastante raras. Nessa mesma ocasião, foram colocadas as calçadas, os bancos (que segundo o historiador Celso Maria de Mello Pupo, "eram confortáveis", com braços de ferro, servindo especialmente para o descanso"), e o chariz central (que hoje está no Largo do Pará).

Com essas mudanças, consideradas revolucionárias e mercedoras dos maiores elogios da população, o Pátio do Rosário foi perdendo de vez o seu ar de acanhamento. Essa característica foi confirmada com a colocação, no local, de um ponto de carros e outro de tiburis (um tipo de charrete, puxada por um animal, guiada por um cocheiro, e com capacidade de transporte para apenas uma pessoa). Segundo Mello Pupo, eles foram implantados em Campinas, principalmente para atender aos médicos em suas visitas aos enfermos.

Depois dos tiburis, a grande sensação da cidade em termos de transporte, foi a implantação dos bondes puxados por burros. E numa ironia com o recente projeto da Setransp, o Largo do Rosário (como já era conhecido) transformou-se no primeiro "terminal" de bondes, puxados a tração animal, da cidade, sendo palco dos primeiros congestionamentos. Foram criadas três linhas: uma com início no "Jardim Público" (atual Convívio), que desceia a Barão de Jaguará, parando no Largo e depois, dirigindo-se para o Guanabara; outra sala da Estação, desceia a Campos Salles, tomava a Barão e parava no "Jardim Público"; e a outra, sala do Guanabara, entrava no centro pela Barão, e subia a Campos Salles, até a Estação.

No dia 31 de agosto de 1933, o Largo sofria a sua

primeira grande descaracterização: na calçada da noite, temendo a reação popular, o prefeito Cergucira Lima, mandou cortar todas as árvores do local. "O povo foi pego de surpresa, sofrendo uma grande mágoa. Ninguém aceitou", disse, ontem, o historiador Mello Pupo.

Na esteira desse primeiro golpe, veio, muitos anos depois o segundo, este sendo motivo de grande revolta popular: a demolição da Igreja do Rosário, razão do nascimento da praça, e possuidora de um riquíssimo valor artístico. Nas paredes estavam pintadas algumas figuras seguindo o estilo de uma rara escola alemã. O autor foi o alemão Thomas Schenckel. Dessa escola, existiam exemplares apenas em quatro locais do mundo: na Alemanha (preservada até hoje); na Itália, na abadia de Monte Catine (destruída pela 2ª Guerra); no Mosteiro de São Bento, em São Paulo (preservados até hoje); e na Igreja do Rosário.

Com a demolição da Igreja, foram preservados apenas alguns exemplares, graças ao trabalho original de dois campineiros: José de Angelis e Aldo Cardarelli, que criaram uma técnica especial, reproduzindo as figuras em meio aos martelos e máquinas do "progresso". Uns exemplares estão no Museu de Arte Sacra de Campinas, um foi doado ao historiador Mello Pupo, e os outros estão espalhados, ninguém sabe por onde, perdidos, apesar de seu valor histórico em todo o mundo.

Para demolir a Igreja do Rosário, as autoridades utilizaram cordas e máquinas para afastar o povo. Os protestos foram muitos e sofisticados (um avião nobrevoo a cidade, jogando panfletos contra a destruição). Mesmo assim o povo foi derrotado. Mas essas derrotas não foram em vão, e com certeza a garra e o brío das gerações anteriores devem ter se transferido para a de hoje, que ontem conseguiu uma redentora e histórica vitória contra o arbítrio e a insensibilidade humana, preservando o que resta do Rosário.

A Igreja, demolida apesar da revolta



O Largo do Rosário, (atual praça Visconde de Indaítuba), teve o seu nome ligado à igreja que ali existiu, erigida em 1817, por iniciativa do padre Antonio Joaquim Teixeira Nogueira.

Em 1846, por ocasião da primeira visita de D. Pedro II a esta cidade, nesse pequeno templo então servindo de Matriz, realizou-se o Te Deum oficial, início das festividades que assinalaram de maneira excepcional o grande acontecimento.

No dia seguinte, no pátio do Rosário, o povo assistia deslumbrados as festividades promovidas em homenagem ao jovem soberano, que ofertou vários brindes aos participantes do torneio.

A casta dos tubarões, hoje tão conhecida e disseminada por todo o país, não constitui novidade, pois no longínquo ano de 1854, a Câmara Municipal baixava posturas designando o Pátio do Rosário como local de feiras livres, a fim de combater a crise de viveres provocada pelos açambarcadores, que andavam pelas estradas cercando sítios, para compra da mercadoria, e elevação de preços.

O primeiro sobrado que existiu nesta cidade, localizou-se no largo do Rosário, esquina das ruas de cima (Barão de Jaguará) e Bêco das Casinhas (General Osório). Nesse prédio, durante muitos anos, instalou-se a casa de Miguel Cristofani & Irmão, com ramo de secos e molhados, mais tarde transformada no conhecido bar e restaurante desaparecido em 1926.

Outro sobrado que se destacava pelas suas dimensões, erigido ao lado da igreja do Rosário, pertenceu a José Francisco de Paula e posteriormente à família de Joaquim Teixeira Nogueira.

Obra do notável mestre carpinteiro Benedito Eleodoro de Toledo, o grande edifício comprovava a habilidade dos artesãos que se incumbiam de gigantescas construções, como o sobrado de d. Tereza Miquelina do Amaral Pompeu (antiga sede do Clube Semanal de Cultura Artística na rua Barão de Jaguará) o sobrado da Baronesa de Atibaia na rua Francisco Glicerio, e o velho Teatro São Carlos, já demolido que funcionou durante setenta e dois anos com inabalável segurança.

Abandonado servindo de pasto aos muarens, o largo do Rosário, em 1872, recebia a primeira arborização, seguindo-se outros melhoramentos como o chafariz, bela peça de bronze de três colunas romanas encimadas por uma coroa real, e dotado de torneiras que jorravam água captada na vertente do Tapaninhe (Praça do Pará).

Às vezes aos domingos ou dias santificados, por iniciativa de negociantes estabelecidos nas proximidades, havia retreta pela banda do maestro Azarias, sentando-se os músicos em cadeira emprestadas nas residências vizinhas.

Acontecimento de grande destaque na vida campineira foi a Exposição Industrial inaugurada a 23 de dezembro de 1885, com parte dos mostruários instalados no palacete

Belinfanti (prédio ainda existente na esquina das ruas Barreto Leme e Francisco Glicerio). Os pavilhões destinados à indústria mecânica, foram levantados no largo do Rosário, apresentando máquinas agrícolas, e motores fabricados por Mac Hardy & Cia, Arens & Cia, e Cia. Lidgerwood, constituindo um dos aspectos mais interessantes do grandioso certame representativo das diversas atividades campineiras.

Em 1895 concretizava-se a grande aspiração dos moradores do centro da cidade, com a inauguração do jardim do Rosário a 15 de novembro, data da proclamação da República, festejando-se os dois acontecimentos com discursos, bandas de música, passeata luminosa e o indispensável foguetório.

Dal por diante, o novo jardim passou a ser um dos pontos mais atrativos de Campinas, bem arborizado, com as alamedas de areia branca socada tendo ainda como particular interessante, o grande chafariz de três bacias fundido nas oficinas da Cia. Mac Hardy (peça atualmente colocada na Praça do Pará).

Cercado de grades de ferro, à sua volta estacionavam os carros de praça, engraxates, jornaleiros, bilheteiros e vendedores de guloseimas.

Em 1911, alterava-se o aspecto do largo com o corte de algumas árvores, remoção do gradil e modificação dos caminhos que receberam calçamento de mosaico português, novidade introduzida nesta cidade pelo prefeito Orosímbo Maia.

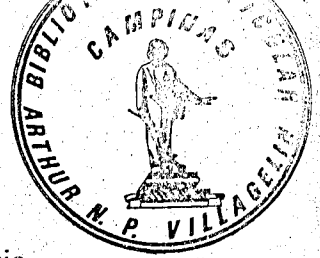
Nos dias de folga, pela manhã até a hora do almoço, o largo do Rosário era o preferido para os encontros dos amigos e conversadores que, passavam horas a discutir política, e os assuntos mais em evidência na ocasião.

A 31 de agosto de 1933, com grande pesar da população desaparecia de uma vez o tradicional jardim com a derrubada geral das árvores atingidas por determinações reformistas. No ano seguinte, no local onde existira o chafariz, inaugurava-se o monumento ao estadista conterrâneo dr. Campos Salles (atualmente removido para as proximidades da Estação).

Demolida a Igreja do Rosário em obediência ao plano de urbanismo, a tradicional praça ampliou-se bastante, recebendo moderno traçado com uma parte ajardinada e outra cercada de pérgola, local de comícios e reuniões populares.

Os grandes edifícios que se levantam por todos os lados os bancos, o comércio ali estabelecido e o diuturno movimento de pedestres e veículos emprestam ao local um aspecto grandioso e metropolitano que surpreende a todos os que visitam a cidade.

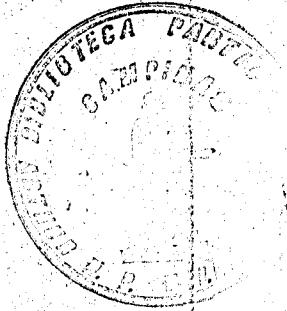
Mas, para os barristas e amigos das tradições de sua terra natal, a praça Visconde de Indaítuba apesar das transformações que tanto a embelezam, continua a ser efetivamente conhecida como o largo do Rosário, evocado nas lembranças do jardim que por mais de trinta anos com o seu frondoso arvoredo constituiu um oásis verdejante, a enfeitar o centro urbano da Velha Campinas.



341 — Indaiatuba (Visconde de). Capitão Joaquim Bonifácio do Amaral, Barão de Indaiatuba em 16-II-1876 e Visconde do

vide nota

- F1) D. Elisma do Amaral, nascida em Campinas, batizada em 4-V-1841, †; em 18-I-1859, na mesma cidade, casou com Antônio Egídio de Sousa Aranha, nascido 1833 em Campinas, †, irmão do Marquês de Três Rios, e filho de Francisco Egídio de Sousa Aranha e de sua mulher e prima-irmã D. Maria Luzia de Sousa Aranha, depois de viuva Baronesa e Viscondessa de Campinas. (Silva Leme I-170; "Anuário Genealógico Brasileiro", I-126). Ver. Com Sucessão.
- F2) D. Carolina, natural de Campinas, batizada em 14-VI-1843, nascida em 28-X-1842, † em 30-XII-1844.
- F3) Alberto Pompêo do Amaral, nascido em Campinas, batizado em 20-I-1844 (15 dias), † em 12-V-1866, solteiro.
- F4) D. Otilia do Amaral, natural de Campinas, batizada em 7-IX-1845, nascida em 15-V-1845, †, solteira.
- F5) D. Olivia do Amaral, natural de Campinas, batizada em 20-VI-1846, nascida em 12 do mesmo mês e ano, † em São Paulo, solteira.
- F6) Otaviano Pompêo do Amaral, nascido em Campinas em 6-I-1849, batizado em 19-III-1849, † 25-X-1926, na mesma cidade. Em 25-VII-1871, em Campinas, casou com D. Julia Bueno, nascida em Campinas em 26-X-1855, † em 18-IX-1925, filha do Capitão Cândido José Leite Bueno, nascido em 24-IX-1809, † em 23-XII-1878, em Campinas, e de D. Umbelina de Moraes Teixeira (2.^a mulher), nascida em 31-VIII-1834, † em 16-XII-1888 em Campinas. (Silva Leme V-165). Pais de (6 filhos):
- N1) Dr. Mucio Pompêo do Amaral, nascido em Campinas em 26-VII-1873, falecido em 16-VII-1916. Advogado, solteiro.
- N2) Plínio, falecido na infância.
- N3) Osvaldo Pompêo do Amaral, nascido em Campinas em 2-VI-1874, falecido em São Paulo em 18-III-1939. Em 2-III-1895, em Campinas, casou com D. Guendolina Teixeira de Camargo, nascida na mesma cidade em 25-X-1875, filha do Major Alvaro Xavier de Camargo Andrade, campineiro, (nascido em 3-XII-1839, falecido em 16-II-1924) e segunda mulher D. Angela Izabel Teixeira Nogueira, campineira, (nascida em 22-XI-1855). (Silva Leme I-265; "Anuário Genealógico Brasileiro", II-171). Ver. Pais de (4 filhos):
- Bn1) Joviano, nascido em Campinas em 8-XII-1895, falecido em 1896.
- Bn2) D. Maria Pompêo do Amaral, nascida em Campinas em 6-XII-1896, solteira.
- Bn3) Carlos Eugênio Pompêo do Amaral, nascido em Campinas em 27-IX-1898. Reside em S. Paulo, solteiro.
- Bn4) Plínio Pompêo do Amaral, nascido em 14-XII-1910, casou com D. Clarice Margarida de Azevedo Coelho, nascida em São João da Boa Vista. Pais de:
- Tn1) Carlos Alberto, nascido em São Paulo em 1939.
- N4) Celso Bueno do Amaral, nascido em Campinas em 5-V-1876, falecido em 7-VIII-1938, na mesma cidade, solteiro.
- N5) Dr. Aristides Pompêo do Amaral, nascido em Campinas em 11-VI-1877, advogado, residente em S. Paulo; casou com D. Josette Sacré, nascida na Bélgica, falecida em São Paulo em 1-I-1941. Sem sucessão.
- N6) Dr. Druso Pompêo do Amaral, nascido em Campinas em 1-XI-1880, formado em Direito em 1904, residente na mesma cidade. Em 11-X-1906, em Campinas, casou com sua prima-irmã D. Lucia Bueno do Amaral, filha de Alfredo de Moraes Bueno (nascido em 21-XI-1852, falecido em 1-VII-1906 em Campinas) e de D. Tereza de Oliveira Camargo. (Silva Leme V-165). Pais de (3 filhos):
- Bn5) D. Zilda Agar Pompêo do Amaral, nascida em Campinas em 21-IX-1907, solteira.
- Bn6) Alfredo Otaviano Pompêo do Amaral, nascido em Campinas em 15-I-1909, solteiro.
- Bn7) D. Lucia Bueno do Amaral (filha), nascida em Campinas em 14-III-1910. Em 12-VI-1935, na mesma cidade, casou com Alfredo Tomé Neder, nascido em São Paulo, de origem siria. Pais de:
- Tn2) Spencer.
- F7) Dr. Urbano do Amaral, nascido em Campinas, batizado em 29-IX-1850 (2 meses), † em S. Paulo, solteiro.



Cam

- F8) D. Ismenia do Amaral, natural de Campinas, batizada em 4-I-1852, nascida em 6-VII-1851, † em S. Paulo, solteira.
- F9) D. Julia do Amaral, nascida em Campinas, batizada em 8-VIII-1852 (20 dias), † em S. Paulo, solteira.
- F10) Fausto Pompêo do Amaral, nascido em Campinas, batizado em 11-VI-1854 (37 dias), † 1-VI-1878 na mesma cidade, solteiro.
- F11) D. Albertina do Amaral, nascida em Campinas, batizada em 14-IV-1857 (1 mês e 12 dias), † em S. Paulo, solteira.
- F12) D. Jessy do Amaral, natural de Campinas; batizada em 19-I-1859, nascida em 24-VII-1858, † em S. Paulo; em 17-XII-1881, em Campinas, casou com Dr. Augusto de Sousa Queiroz, de quem foi 2ª mulher, filho do Barão e da Baronesa de Sousa Queiroz (Silva Leme III-395) - Com Sucessão (Vér).

BATISMO DO VISCONDE DE INDAIATUBA

"Joaquim. Aos dez de Setembro de mil oito centos e quinze nesta Matris de São Carlos baptizou e pôs os Santos Oleos o R. do Coadj. José Per.ª a Joaquim de oito dias f.º do Ten.º José Rodrigues Ferrás e de sua m.ª D. Anna Matildes Pacheco de Almeida: padr.ºs Pedro Dom.º, e Dona Maria f.ºs solteiros do Cap.º Antonio de Alm.ª Leite freguezes de Ytú, e os mais desta Freg.ª.

(a) O Vigr.º Joaq.º José Gomes "

Batizados da Paroquia N. S. Conceição de Campinas, L.º III, fls. 38-verso (1813-1819).

BATISMO DA VISCONDESSA DE INDAIATUBA

"Anna. Aos quatro de Novembro de mil oito centos e vinte quatro nesta Matris de São Carlos baptizou e pôs os Santos Oleos o R. do Coadj.º Bernardo de Mello a Anna de dez dias f.ª do Ajudante Antonio Pompeo de Camargo e de sua m.ª D. Thereza Miquelina do Amaral: padr.ºs D. Anna Matildes Pacheco, viuva, e o Ten.º José Rodrigues seu filho solteiro, todos desta Freguezia.

(a) O Vigr.º Joaq.º José Gomes "

Batizados da Paroquia de N. S. Conceição de Campinas, L.º IV, fls. 98-verso (1819-1830).

TERMO DE CASAMENTO DO VISCONDE COM A VISCONDESSA DE INDAIATUBA

"O All.º Joaquim Bonifacio do Am.º D. Anna Guilhermina do Am.º Pompeo. Aos vinte e quatro de Junho de mil oito centos e trinta e nove as oito horas da noite em casas de Felisberto Pinto Tavares depois de proclamados e não havendo impedimento algum, com Provisão do Excellentissimo Bispo Diocesano que dispensou no segundo grão mixto a primeiro de consanguinidade e nos proclames recebi em matrimonio dando cada um seu consentimento com palavras de presente ao Alleres

Joaquim Bonifacio do Amaral, filho do Tenente José Rodrigues Ferraz do Amaral e de Dona Anna Mathirdes de Almeida Pacheco, com Dona Anna Guilhermina do Amaral Pompeo filha do Capitão Antonio Pompeo de Camargo e de Dona Thereza Mequelina do Amaral Pompeo, ambos naturaes e freguezes desta Parochia. Forão Testemunhas presentes o Doutor Carlos Inglez, e o Tenente Antonio Rodrigues de Almeida, e na mesma occasião receberam as benções nupciaes.

(a) O Vigr.º João M.º d'Almda. Barboza "

Paroquia de N. S. Conceição de Campinas (Casamentos), L.º IV, fls. 108 (1826-1841)

OBITO DO VISCONDE DE INDAIATUBA

"Joaquim (218). Aos sete de novembro de mil oitocentos e oitenta e quatro, falleceu nesta Parochia Joaquim Bonifacio do Amaral, Visconde de Indaiatuba (sic), de idade de sessenta e nove annos, cazado com a Viscondessa "

(Não está assinado o termo).

Obitos da Paroquia N. S. Conceição — Campinas — L.º 8, fls. 70-verso.

Colaboração de T. de Sousa Campos Jr.

